

pelas expressões de variado socorro que não soubera entender, de pronto, prosseguiu adiante, são e salvo, para desempenho de sua tarefa.

Nesse ponto da curiosa narrativa, o Mestre fitou Bartolomeu demoradamente e terminou:

— O Pai ouve sempre as nossas rogativas, mas é preciso discernimento para compreender as respostas d'Ele e aproveitá-las.

XXIX

A PARÁBOLA RELEMBRADA

Depois da parábola do bom samaritano, à noite, em casa de Simão, Tadeu, sinceramente interessado no assunto, rogou ao Mestre fôsse mais explícito no ensinamento, e Jesus, com a espontaneidade habitual, falou:

— Um homem enfermo jazia no chão, em esgares de sofrimento, às portas de grande cidade, assistido por pequena massa popular menos esclarecida e indiferente.

Passou por ali um moço romano de coração generoso, em seu carro apressado, e atirou-lhe duas moedas de prata, que um rapazinho de maus costumes subtraíu às ocultas.

Logo após, transitou pelo mesmo local um venerando escriba da Lei, que, alegando serviços prementes, prometeu enviar autoridades, em benefício do mendigo anônimo.

Quase de imediato, desfilou por ali um sacerdote que lançou ao viajante desamparado um gesto de bênção e, afirmando que o culto ao Supremo Senhor esperava por ele, exortou o povo a asilar o doente e alimentá-lo.

Depois dele, surgiu, de relance, respeitável senhora, a quem o pobre se dirigiu em comove-

dora súplica; todavia, a nobre matrona, lasti-
mando as dificuldades da sua condição de mulher,
invocou o cavalheirismo masculino, para aliviá-lo,
como se fazia imprescindível.

Minutos após, um grande juiz varou o mes-
mo trecho da via pública asseverando que no-
mearia testemunhas a fim de saber se o miserô
não seria algum viciado vulgar, afastando-se, lé-
pido, sob o pretexto de que a oportunidade lhe
não era favorável.

Decorridos mais alguns instantes, veio à
cena um mercador de bolsa que, condoído, asse-
verou a sua carência de tempo e deu vinte moe-
das a um homem que lhe pareceu simpático, a
fim de que o problema de assistência fôsse resol-
vido, mas o preposto improvisado era um mal-
feitor evadido do cárcere e fugiu com o dinheiro
sem prestar o socorro prometido.

O doente tremia e suava de dor, rojado ao
pô, quando surgiu ali velho publicano, conside-
rado de má vida, por não adorar o Senhor, se-
gundo as regras dos fariseus. Com espanto de
todos, aproximou-se do infeliz, endereçou-lhe pa-
lavras de encorajamento e carinho, deu-lhe o
braço, levantou-o e, sustentando-o com as pró-
prias energias, conduziu-o a uma estalagem de
confiança, fornecendo-lhe medicação adequada e
dividindo com ele o reduzido dinheiro que trazia
consigo. Em seguida, retomou a sua jornada,
segundo tranquilamente o seu caminho.

Depois de interromper-se, ligeiramente, o
Mestre perguntou ao discípulo:

— Em tua opinião, quem exerceu a caridade
legítima?

— Ah! sem dúvida — exclamou Tadeu, bem
humorado —, embora aparentemente desprezível,
foi o publicano, porquanto, além de dar o di-
nheiro e a palavra, deu também o sentimento, o
tempo, o braço e o estímulo fraterno, utilizando,
para isso, as próprias forças.

Jesus, complacente, fitou no aprendiz os
olhos penetrantes e rematou:

— Então, faze tu o mesmo. A caridade, por
substitutos, indiscutivelmente é honrosa e lou-
vável, mas o bem que praticamos em sentido
direto, dando de nós mesmos, é sempre o maior
e o mais seguro de todos.